

PARA UMA REVISÃO DO DICIONÁRIO HOUAISS – VOCABULÁRIO E DATAÇÕES

Volker Noll

Universidade de Münster

RESUMO: O *Dicionário Houaiss* é o dicionário mais abrangente da língua portuguesa. Contudo, é óbvio que, na sua redação, obras de referência importantes, assim como algumas fontes escritas bem conhecidas não foram avaliadas de forma sistemática. Este artigo o comprova pela verificação da datação dos primeiros registros e sublinha a necessidade de revisar a concepção dessa obra monumental.

PALAVRAS-CHAVE: dicionários portugueses, primeiros registros, avaliação ampla das fontes

ABSTRACT: The Brazilian *Dicionário Houaiss* is the most comprehensive dictionary of Portuguese. However, it becomes obvious that in compiling the material, a certain number of important reference works and written sources were not fully made use of. This article proves it by double-checking the dating of first records and points out the importance of revising the concept for this extraordinary dictionary.

KEYWORDS: making of Portuguese dictionaries, first records, comprehensive use of data

Considerações iniciais.

No âmbito das línguas românicas, o processamento histórico-etimológico do vocabulário português, é, de modo geral, menos desenvolvido que o do francês e do espanhol. Até o final do século XX, isso era válido especialmente para o português brasileiro, dado que a obra de referência da época, o *Dicionário etimológico da língua portuguesa* de MACHADO (DELP, ³1977), junto com outros trabalhos publicados em Portugal, se ocupava pouco com o vocabulário de origem brasileira. Com o *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa* (DENF, ¹1982) de A. G. da CUNHA, a pesquisa etimológica brasileira assumiu a liderança na área. Na virada do século, a edição do monumental

Dicionário Houaiss (H), embora se trate de um dicionário geral da língua, foi mais um grande passo adiante. Semelhante aos prestigiosos dicionários gerais franceses como o *Grand Robert* e o *Trésor de la langue française*, o Houaiss apresenta informações etimológicas breves, no entanto, de forma mais desenvolvida do que os dicionários Aurélio (A) e Michaelis (M), e sobretudo, inclui também a datação dos primeiros registros das palavras.

Com 228 mil verbetes, o *Dicionário Houaiss* é o mais completo dos dicionários do português, o que aumenta de forma considerável o número de informações históricas doravante acessíveis. Editado também em 2001, o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa, com 70 mil lemas, inclui igualmente breves informações etimológicas, mas não as datações. Ao contrário do *Dicionário Houaiss*, não foi adaptado ao Acordo Ortográfico, entrado em vigor no Brasil em 2009. Como outros dicionários editados em Portugal, o DLPC carece de muitos brasileirismos, e, com suas 4 mil páginas, tão pouco está disponível em CD-ROM.

Apesar dos traços inovadores e vantagens expostas, o *Dicionário Houaiss* apresenta também falhas e carências metodológicas, como já observou BARME:

“[...] tanto em relação à etimologia e história das palavras quanto em relação à datação dos primeiros registros e à classificação de certas palavras como *brasileirismos* essa obra revela algumas graves deficiências e - o que é ainda muito mais sério - grande número dessas falhas se explica por um (surpreendente) defeito metodológico por parte dos lexicógrafos da equipe do Houaiss” (Barme 2006: 237).

Quanto às etimologias, é claro que um dicionário geral da língua não pode nem resumir as questões às vezes bastante complexas ou controversas e, portanto, tem que se limitar a fornecer as informações básicas. Porém, no que se refere à metodologia, qualquer lexicógrafo deve necessariamente avaliar de forma sistemática as obras de referência reconhecidas como dicionários e outras publicações lexicográficas relevantes da área. Quando se trata de um projeto monumental como o do Houaiss, isso compreende também a consideração do acervo literário, das fontes históricas e de outros escritos acessíveis.

Documentação.

Em 2009, por ocasião da implementação do Acordo Ortográfico no Brasil, uma nova edição do *Dicionário Houaiss* foi publicada. Apesar de certas falhas evidentes, resumidas na crítica de Barme (2006), constatamos que a obra não foi emendada. Trabalhando com fontes para a história do português brasileiro,

observamos com frequência uma grande discordância na datação dos primeiros registros e a falta de palavras justamente típicas do Brasil no vocabulário relativo à fauna e à flora do país. Gostaríamos de ilustrar isso, tomando como exemplo vários textos bem conhecidos há muito tempo.

Começemos com a palavra *brasileiro*. Segundo o *Dicionário Houaiss* é atestada pela primeira vez em 1706 (H, s.v.). Conforme a documentação da Companhia de Jesus, na edição de Serafim Leite, o padre Belchior Pires designou, em 1663, como “Brazileiros”, alguns confrades que, contrariamente a ele, haviam nascido no Brasil: “praedictos Patres despiciatus Brazileiros vocat” (LEITE, 1938-50: VII, 42). Esta é a primeira ocorrência da forma *brasileiro*.

A datação de outros etnônimos característicos do Brasil, *tupi*, *guarani* e *tapuia*, é aceita só de segunda mão: *tupi* (H: sXVIII, abonado no DELP), *guarani* (H: 1864, abonado em J. de Alencar) e *tapuia* (H: 1858, abonado na 6ª edição de Morais Silva). Porém, as três designações juntas já se encontram na *História do Brasil* do frei Vicente do Salvador (1982: 77). É difícil de entender por que esse texto básico de 1627 não foi avaliado pelo *Dicionário Houaiss*.

Cadê, um brasileiroismo frequente na linguagem coloquial, é datado pelo *Dicionário Houaiss* como de 1912. Lopes Gama citava, contudo, essa palavra já em 1842, no seu jornal satírico, *O Carapuceiro*: “Diz *cadê elle?* em vez de que he delle?” (fac-símile apud M. Pessoa, 1994: 78)

É consabido que a descrição do português brasileiro começou em 1826, com uma caracterização preponderantemente lexical, elaborada por Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca. Além da caracterização da variedade brasileira, Pedra Branca apresentou, em duas listas, o primeiro contraste lexical entre o português europeu e o brasileiro. As listas foram inicialmente publicadas por BALBI (1826: 173-175). Cem anos depois, João RIBEIRO apresentou o material com pequenos comentários (1933: 30-37, ¹1921). As listas formam reproduzidas também por PIMENTEL PINTO (1978-81: I, 6-7) e, na versão mais recente, de WANKE & SIMAS Filho (1991: 20-21). Referimo-nos à segunda lista de Pedra Branca, na qual apresenta palavras supostamente bem brasileiras da época, dado que Pedra Branca as considera como desconhecidas em Portugal. As palavras seguintes, documentadas em 1826, aparecem, com data incerta ou posterior no *Dicionário Houaiss* de 2009:

caçula (DENF: XIX; DELP: 1850; H: s.d.), *capeta* (DENF, H: 1899), *charquear* (DENF: 1881; H: 1858), *cipoada* [Pedra Branca: *sipoada*] (DENF, H: 1871), *cangote* (DENF, H: 1899), *fadista* (DENF: XIX; DELP, H: 1876), *farofa* (DENF, H: 1899), *mascate* (DENF: 1873; H: a1858), *mascatear* (DENF: 1881; DELP:

1890; H: 1877), *molambo* (DENF, H: 1848; DELP: 1890), *muxiba* (DENF, H: 1899), *muxoxo* (DENF, H: 1899), *nanica* (*nanico*, DENF: 1899; H: 1836), *piquirá* (DENF, H: 1842), *presiganga* (DENF: s.XIX; DELP; H: 1846), *quindim* (DENF: s.XIX; DELP s.XIX; H: 1880), *quitute* (DENF: 1890; H: 1858).

Admira que, apesar da publicação em 1921 e sobretudo das versões subsequentes, o vocabulário não tenha sido considerado pelo *Dicionário Houaiss*.

Do início do século XIX é conhecido um texto intitulado *Poranduba Maranhense* (< tupi *poranduba* ‘notícia, pergunta, informação’), um relato em 33 capítulos sobre a “Província do Maranhão”, seguido do *Dicionário da língua geral do Brasil* e publicado na *Revista Trimensal do Instituto Histórico* em 1891. O manuscrito, oferecido ao Instituto por Francisco de Varnhagen em 1843, foi redigido em 1819-20 pelo frade capuchinho Francisco [de Nossa Senhora] dos Prazeres (1790-1852) que era de origem portuguesa e se chamava Francisco Fernandes Pereira de nome secular. Em 1812, o religioso partiu para o Brasil, onde completou o noviciado. Na sua nota ao leitor, Francisco dos Prazeres informa que pôs “mãos á obra na cidade de São-Luiz em 1819” (Prazeres 1819-20: 7). O subtítulo da obra indica que descreve os acontecimentos no Maranhão até 1820, ano no qual o frade regressou definitivamente a Portugal. Conforme o parecer publicado, o manuscrito foi aprovado pelo convento de São Francisco de Vila Real em 1826.

No *Dicionário Houaiss*, os vocábulos seguintes, relativos à fauna e à flora do Brasil e enumerados na *Poranduba* (cap. XXX-XXXIII)¹ no início do século XIX, aparecem sem data (s.d.), com data posterior a 1819-20 ou não figuram (-). Nesse contexto, gostaríamos de chamar a atenção para uma obra importante em preparação, o *Dicionário histórico dos nomes populares dos animais do Brasil* com mais de 48.000 verbetes e 8.000 referências, que poderá ajudar a remediar a falta de recepção lexicográfica ou erros na datação na área da fauna. A fim de completar a documentação disponível, o biólogo Nelson Papavero teve a gentileza de colocar à minha disposição, desde já, alguns resultados da sua pesquisa nos documentos históricos que citamos também a seguir sob a referência (D).

1 Na enumeração subsequente dos termos da fauna e flora maranhense, utilizamos a ortografia atual. Na grafia de Francisco dos Prazeres, acontecem substituições (<g> por <j>), <k> por <qu>, alternâncias de e/i e o/u: <pepira> por <pipira>, troco de b/v devido ao tupi: <páo de envira> por <pau-de-embira>, uso de <h> para separar duas sílabas: <terahira> por <teráira>, mudanças na nasalização: <merim> por <miri> e falta do hífen: <páo de remo> por <pau-de-remo>. Se uma palavra não aparecer na ordem alfabética das quatro listas, indicamos o verbo no qual é citada (s.v. ...).

PLANTAS (PRAZERES 1819-20):

abacateiro (H: 1881), *açouta-cavalo* (H: s.d.), *angico* (H: 1871), *ateira* (H: 1899), *axixá* (H: -), *bacurizeiro* (H: s.d.), *cacauzeiro* (H: 1881), *cafezeiro* (H: 1836), *cajuru* (H: 1914), *capoeiraçu* (H: s.d.), *capoeira-mirim* (H: s.d.), *caraoúba* (H: -), *condeceira* (H: -), *contra-erva* (H: s.d.), *copaúba* (H: a1958, DHPT: 1618; var. de *copaíba*, H: 1576), *cotiúba* (H: -), *criuri* (H: -), *croatá* (H: 1914), *erva-de-bicho* (H: s.d.), *erva-de-chumbo* (H: s.d.), *erva-de-passarinho* (H: s.d.), *erva-de-rato* (H: 1899), *gororoba* (H: a1958), *guabiju* (H: 1890), *guabirabeira* (H: -; DHPT: 1817), *guandi* (H: -), *guarapirarga* (H: -), *imburagiá* (H: -), *imburaité* (H: -), *inhaúba* (H: s.d.; var. de *inaúba*, DHPT: a1667), *iriri* (H: -), *jacaré-catinga* (H: -), *jaracatutiba* (H: -), *jepió* (H: -), *jeribeba* (H: -; var. de *jurubeba*, DHPT: 1627), *jerupari-bora* (H: -; cf. *jurupari*), *joão-gomes* (H: 1881), *juredá* (H: -), *jutá* (H: 1881), *malícia-de-mulher* (*malícia das mulheres*) (H: s.d.), *mapá* (H: s.d.), *mastruz* (H: s.d.), *miri* (*merim*) (H: 1899), *moconambi* (H: -), *murutim* (H: -), *paparaúba* (H: -; var. de *paparaíba*), *pau-d'arco* (H: 1899), *pau-de-breu* (H: 1899), *pau-de-embira* (*pá de envira*) (H: 1899), *pau-de-lacre* (H: 1899), *pau-d'estopa* (H: -), *pau-de-rato* (H: s.d.), *pau-de-remo* (H: s.d.), *pau-mamaluco* (H: -), *pau-roxo* (H: 1899), *pau-santo* (H: 1899), *parura* (H: -), *pente-de-macaco* (H: s.d.), *pequipocuba* (H: -), *pequizeiro* (H: 1956), *perinã* (H: s.d.), *quiabeiro* (*kiabeiro*) (H: 1836), *quina* (H: 1836), *raiz-de-cobra* (H: 1899), *saboneteiro* (H: s.d.), *sacaca* (H: s.d.), *sambaíba* (H: 1874), *são-caetano* (H: 1899), *sicantã* (H: -), *taquipé* (H: -), *tauari* (H: 1833), *tocoara* (H: -), *temtem* (H: -), *tuterubazeiro* (H: -), *violete* (H: -).

– s.v. *Jeruparibora*: *pau-ferro* (H: 1899).

– s.v. *Sapo*: *cururucica* ‘resina medicamentosa’ (H: s.d.).

QUADRÚPEDES E OUTROS ANIMAIS (PRAZERES 1819-20):

bicho-do-pé (*bixo dos pés*) (H: sXIX, D: sXVIII), *cachorro-do-mato* (H: sXX, D: 1648), *gato-bravo* (H: -, D: sXVI), *guaxinim* (H: 1877, D: sXVIII), *micuim* (H: s.d.), *papa-mel* (H: 1877, D: 1775), *porco-do-mato* (H: s.d.), *rabo-torto* (s.d.), *teraira* (H: s.d.).

– s.v. *Aranha*: *caranguejeira* (H: s.d.).

– s.v. *Cobra*: *catimbóia papa-ovos* (H: -; var. de *acutimbóia*, H: s.d.; *cutimbóia*, H: 1833; *papa-ovo*, H: 1899, D: 1816), *cobra-cipó* (H: s.d.), *cobra-coral* (H: s.d., D: sXVI), *cobra-de-duas-cabeças* (H: s.d., D: 1627), *cobra-de-veado* (H: s.d., D: 1618), *surucucu* (H: 1881, DHPT/DENF: a1576, GÂNDAVO c1570), *surucucu-de-fogo* (H: s.d.), *surucuju* (H: -; D: 1775).

– s.v. *Formiga*: *formiga-correição* (H: s.d.), *formiga-corriqueira* (H: -), *formiga-*

- de-cupim* (*formiga cupim*) (H: s.d.), *formiga-de-fogo* (H: s.d.), *formiga-saiúva* (*formiga saúba*) (H: s.d.), *tapiúba* (H: s.d.), *tucanguirá* (H: -).
 – s.v. *Macaco*: *capijuba* (H: -), *jerupari* (H: -), *macaco-do-mangue* (H: -), *macaco-prego* (H: 1899, s.v. *prego*).
 – s.v. *Maritacaca*: *cangambá* (H: 1858, D: 1817).
 – s.v. *Mocura* (*mucura*): *saruê* (H: 1899; var. de *sariguê*, H: 1560).
 – s.v. *Onça*: *onça-pintada* (H: s.d.), *onça-mestiça* (H: s.d.), *onça-tigre* (H: s.d.), *onça-verdadeira* (H: s.d.).
 – s.v. *Porco-do-mato*: *tacuité* (H: s.d.).
 – s.v. *Rato*: *sabujá* (H: s.d.).
 – s.v. *Tamanduá*: *tamanduá-bandeira* (H: s.d.), *tamanduái* (D: 1648), *tamanduá-jaleco* (H: s.d.).
 – s.v. *Tatu*: *tatu-bola* (H: s.d., D: 1817), *tatu-verdadeiro* (H: s.d.), *tatuxima* (*tatu-chima*) (H: s.d.).
 – s.v. *Teju*: *caruaru* (H: s.d., D: 1730).
 – s.v. *Teraíra* (*terahira*): *troíra* (H: -).
 – s.v. *Veado*: *veado-campeiro* (H: s.d., D: 1804), *veado-catingueiro* (H: s.d., D: 1804), *veado-galheiro* (H: s.d., D: 1817), *veado-mateiro* (H: s.d.).

AVES E INSETOS VOLÁTEIS (PRAZERES 1819-20):

- alma-de-gato* (H: 1871, D: 1817), *bacurau* (H: 1863, D: 1769), *carapirá* (H: s.d., D: 1587), *cigana* (H: s.d.), *colhereira* (H: - , D: 1618; var. de *colhereiro*, H: 1616), *jacamim* (H: 1833, DHPT/DENF: c1631), *japi* (H: 1899, D: XVII), *japiaçóia* (H: -), *marrecão* (H: 1899, D: 1750), *mãe-da-lua* (H: s.d.), *meuá* (H: s.d.), *mulata-dá-caga* (H: -), *papa-arroz* (H: 1877, D: 1728), *pato-bravo* (H: s.d., D: sXVIII), *pato-de-crista* (H: s.d.), *passarinho-de-gaiola* (H: -), *pipira* (H: 1938), *pica-pau* (H: 1836, D: 1618), *socó-boi* (H: s.d., D: 1804), *tejuju* (H: -), *tesoura* (H: s.d.), *unicorne* (H: 1881, DLGB sXVIII).
 – s.v. *Abelha*: *boca-de-barro* (H: 1922), *manuel-de-abreu* (H: 1899), *mosquitinho* (H: 1877, D: 1817), *tiúba* (H: -), *tubi* (H: 1899, DHPT/DENF: 1817), *viúva* (H: s.d., D: 1817), *xupé* (H: - ; D: 1769).
 – s.v. *Carapirá*: *mercador* (H: -).
 – s.v. *Garça*: *garça-azul* (H: s.d.), *garça-morena* (H: s.d.), *garça-real* (H: s.d., D: 1775).
 – s.v. *Gavião*: *gavião-rapina* (H: s.d.), *gavião-real* (H: s.d.).
 – s.v. *Marreca*: *marreca-viúva* (H: s.d.), *poteriaçu* (H: - ; D: sXVII), *poteri-péua* (H: -).
 – s.v. *Papagaio*: *curica-grande* (H: - ; *curica*, H: 1576), *curica-pequena* (H: - ;

curica, H: 1576), *curu* (H: -), *maracanã-amarela* (H: - ; *maracanã*, H: 1576), *maracanã-verde* (H: -), *urubu-grande* (H: - ; *urubu*, H: 1587).
 – s.v. *Periquito*: *periquito-d’anta* (H: s.d.; *periquito*, H: 1665), *periquito-do-campo* (H: -), *periquito-do-mato* (H: -).
 – s.v. *Pomba*: *pomba-pucaçu* (H: s.d.), *pomba-trocaz* (H: s.d., D: 1817), *tona* (H: s.d.).
 – s.v. *Praga*: *meruçoca* (H: s.d.; var. de *muruçoca*, H: 1833, D: 1750), *meruim* (H: s.d.).
 – s.v. *Rola*: *fogo-pagou* (H: s.d., D: sXVIII; H: *fogo-apagou*), *rola-grande* (H: - ; A), *rola-pequena* (H: -), *rolinha* (H: s.d.).
 – s.v. *Urubu*: *urubu-jereba* (H: s.d.), *urubu-negro* (H: s.d.).

PEIXES E ANFÍBIOS (PRAZERES 1819-20):

anujado (H: - ; var. de *anujá*, D: sXVIII), *cascardo* (H: s.d., D: 1772-76), *curu-matá* (*crumatan*) (H: a1958, D: 1618), *jabutim* (H: 1840-64, D: 1585), *lírio* (H: -), *negra-velha* (H: -), *peixe-boi* (H: 1899, DLGB sXVIII, s.v. *goarabá*, GÂNDAVO c1570).
 – s.v. *Jacaré*: *curucuru* (H: - ; A), *jacarerana* (H: sXX), *tenterê* (H: - ; A).
 – s.v. *Negra-velha*: *bagralhão* (H: -).

SIGNIFICADOS PORTUGUESES NO *DICIONÁRIO DA LÍNGUA GERAL DO BRASIL* (sXVIII):

bicho-da-madeira, s.v. *yçaçoca*, *yçoca* (H: -); *maçarico-real* (ave), s.v. *maçarica* (H: s.d.); *mero* (peixe), s.v. *conapú* (H: 1881); *ouriço-cacheiro*, s.v. *cuandú*, (H: s.d.); *peixe-boi*, s.v. *goarabá* (H: 1899), *porco-montês*, s.v. *taiaçú eté* (H: s.d.); *unicorne* (ave), s.v. *inhúma* (H: 1881).

LEMAS TUPIS NO *DICIONÁRIO DA LÍNGUA GERAL DO BRASIL* (sXVIII):

arapaçu ‘pica-pau’ (H: 1949), *atiati* ‘gaivota’ (H: 1857), *guabiru* ‘rato’ (H: 1899), *guarabá* ‘peixe-boi’ (H: s.d.), *ituituí* ‘maçarico pequeno’ (H: s.d.), *maracabóia* ‘cobra cascavel’ (H: s.d.), *senembi* (*cenemby*) ‘camaleão’ (H: 1858, DHPT: 1587), *taciba* ‘formiga’ (H: s.d.), *taoca* ‘formiga-correição’ (H: 1899?), *tarauíra* ‘espécie de lagartixa’ (H: s.d.), *xerimbabo* ‘animal domestico ou domesticado’ (H: 1888).

Nas datações exibidas acima, chama particularmente a atenção o número de árvores citadas na *Poranduba Maranhense*, que o *Dicionário Houaiss* registra só a partir do final do século XIX (*gororoba*, H: a1958; *pequizeiro*, H: 1956). A *pipira* (ave), bem que a sua etimologia seja tupi, não é atestada no

Dicionário Houaiss antes de 1922. A falta de documentação afeta igualmente muitas designações de origem puramente portuguesa, como as composições com *pau*, *cobra*, *formiga*, *veado*.

Quanto à documentação tardia do *peixe-boi* (H: 1899), esse animal é atestado não só na *Poranduba Maranhense*, mas também no *Dicionário da língua geral do Brasil* (sXVIII), no qual aparece como tradução portuguesa do lema tupi *guarabá* (DLGB, s.v. *goarabá*). Outros termos a ser pré-datados com o auxílio dos significados portugueses no *Dicionário da língua geral do Brasil* são, p. ex., *porco-montês* e *unicorne* (ave). É possível estender as pré-datações até à parte dos lemas tupis do *Dicionário da língua geral do Brasil*, dado que o testemunho de termos da fauna e flora na língua geral deixa pressupor seu uso sincrônico em português, se essas palavras existem em português hoje em dia. É o caso de *arapaçu* ‘pica-pau’ que, portanto, provavelmente não data de 1949, como informa o *Dicionário Houaiss*, mas do século XVIII.

Conclusão.

A interpretação do material examinado acima nos conduz às seguintes conclusões:

(1) Existem datações registradas no *Dicionário etimológico Nova Fronteira* (DENF) e no *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi* (DHPT) que não aparecem no *Dicionário Houaiss* ou figuram nele com data posterior. Isso significa que, na redação do *Dicionário Houaiss*, não foram consultados, de forma sistemática, os dicionários etimológicos citados.

(2) O número impressionante de pré-datações e novas atestações a respeito dos verbetes do *Dicionário Houaiss*, decorrentes da leitura da *Poranduba Maranhense*, não só comprova a importância dessa obra para a história do léxico brasileiro, como também revela outra falha na concepção atual do *Dicionário Houaiss*. É óbvio que o *Dicionário Houaiss* ainda não conseguiu incorporar o vocabulário de alguns textos históricos fundamentais, como a *Poranduba Maranhense* ou a *História do Brasil* do frei Vicente do Salvador de 1627. Por conseguinte, há palavras que passaram despercebidas, como, p. ex., *peixe-boi* e *surucucu*, atestadas já no *Tratado da terra do Brasil* (MAGALHÃES GÂN-DAVO c1570, p. 31 e p. 60), com datações atualmente absurdas no *Dicionário Houaiss* (H: 1899; H: 1881).

(3) Quanto ao léxico da fauna e flora, p. ex., parece oportuno o *Dicionário Houaiss* ser assessorado por especialistas versados também na historiografia da matéria, como demonstram os valiosos resultados do biólogo Nelson Pa-

pavero no projeto do *Dicionário histórico dos nomes populares dos animais do Brasil* (D).

(4) Quanto à apresentação das datações no *Dicionário Houaiss*, em casos de homonímia ou polissemia, não é sempre claro a qual dos significados a data se refere (p. ex., *unicorne*, H: 1881, com as acepções ‘rinoceronte’ e ‘anhamé’). Nesses casos, seria necessário exibir verbetes alceados (p. ex., ¹*guará* ‘ave ciconiiforme’ e ²*guará* ‘lobo-de-crina’ (H, s.v.) ou indicar a referência exata.

Os casos expostos apontam claramente para a necessidade de submeter o vocabulário inteiro do *Dicionário Houaiss* a uma revisão. A modificação da concepção atual, assim como a emenda das falhas observadas tornariam essa obra impressionante numa ferramenta lexicográfica ainda mais valiosa.

Nesse contexto, convém levar em consideração também que a valoração de um dicionário na atualidade – e sobretudo quando se trata do tamanho do *Dicionário Houaiss* – se realiza plenamente só numa plataforma digital. Ao lado dos usuários comuns, são os adeptos de linguística, estudantes como especialistas, que apreciam rotinas de busca para alistar, p. ex., classes de palavras, o dicionário inverso para os sufixos, a busca combinada, a busca textual. Lembramos que a primeira versão eletrônica do *Dicionário Houaiss* de 2001 permitia até pesquisas de datação por épocas, traço único entre os dicionários eletrônicos nas línguas românicas, que, lamentavelmente, foi suprimido na versão subsequente. Seria de suma importância garantir a implementação de uma seleção desenvolvida dessas rotinas, com possibilidade razoável de exportação dos resultados de cada pesquisa.

Revisar o conteúdo e oferecer ao público uma obra de consulta de concepção digital aberta será o desafio do novo *Dicionário Houaiss*.

Referências bibliográficas.

- A: ANJOS, M. dos, FERREIRA, M. Baird (Orgs.). *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Versão 6.0. Curitiba: Positivo, 2009.
- BALBI, A. *Introduction à l’atlas ethnographique du globe*, [...] I. Paris, Rey et Gravier, 1826.
- BARME, S. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*: etimologias, datações e brasileirismos. *Zeitschrift für romanische Philologie* 122, 2006, p. 237-246.
- D: PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, Dante Martins. *Dicionário histórico dos nomes populares dos animais do Brasil* (em preparação).
- DELP: MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 5 vol. Lisboa: Horizonte, ³1977.

- DENF: CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, ²1991.
- DHTP: CUNHA, Antônio G. da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*, São Paulo: Melhoramentos, ³1989.
- DLGB: Dicionário da língua geral do Brasil. *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil* 54, 1891, p. 189-277.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães. Tratado da terra do Brasil. In: Id. *Tratado da terra do Brasil. História da Província de Santa Cruz*. São Paulo: Itatiaia, 1980, p. 19-65. [c1570]
- H: HOUAISS, A.; MARINHO, João Carlos PASSOS. *Houaiss eletrônico. 1.0*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LEITE, S. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. 10 vol. Lisboa/Rio de Janeiro, 1938-50.
- M: DICMAXI. *Michaelis português. Moderno dicionário da língua portuguesa*. Versão 1.0. DTS Software, 1998.
- NOLL, V. *O português brasileiro. Formação e contrastes*, São Paulo: Globo, 2008.
- PESSOA, M. «A lingoagem bordalenga de muita gente»: o conteúdo lingüístico de importante fonte para o conhecimento do português brasileiro do século XIX. *Lusorama* 25, 1994, p. 70-80.
- PRAZERES, Frei Francisco dos. Poranduba maranhense ou Relação historica da provincia do Maranhão. *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil* 54, 1891, 4-281. [1819-20]
- RIBEIRO, J.: A geografia linguística (Brasileirismos)”. *Revista da Academia Brasileira de Letras* 41, 1933, p. 422-37.
- SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil, 1500-1627*. São Paulo, Itatiaia, ⁷1982. [1627]
- WANKE, E. T.; SIMAS Filho, R. *Dicionário lusitano-brasileiro (Expressões, palavras e acepções comuns em Portugal, porém desconhecidas ou pouco utilizadas no Brasil)*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1991.